

FABIO ATTARD – MIGUEL ÁNGEL GARCÍA

# O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana  
a serviço dos jovens

Tradução:  
P. José Antenor Velho



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A883c Attard, Fábio

O acompanhamento espiritual: Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens. - L'Accompagnamento Spirituale - Itinerario pedagogico spirituale in chiave salesiana al servizio dei giovani / Fábio Attard; Miguel Ángel García; Tradução P. José Antenor Velho. -- Brasília, DF: EDB, 2015.

436 p.; 23,5 x 16,5 cm  
– (Espiritualidade e Pedagogia Salesiana)  
Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-85-7741-276-1

1. Salesianos - Vida espiritual. 2. Direção espiritual. 3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 - Ensinamentos. 4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622. 5. Vida cristã. 6. Fé I. Ángel García, Miguel. II. Velho, P. José Antenor, trad. III. Título. IV. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens.

CDD 248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Salesianos - Vida espiritual
2. Direção espiritual
3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 – Ensinamentos
4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622
5. Vida cristã
6. Fé

Revisão : Zeneida Cereja da Silva  
Diagramação: Helkton Gomes

Todos os direitos reservados à  
EDITORA DOM BOSCO  
SHCS - Quadra 505, Bloco B, sala 65  
Asa Sul - Brasília-DF-70350-525  
Tel.: (61) 3214-2300  
[www.edbbrasil.org.br](http://www.edbbrasil.org.br)

## São Francisco de Sales como diretor espiritual

### Práxis pastoral da direção espiritual do Bispo de Genebra

Eugenio ALBURQUERQUE FRUTOS, sdb

A finalidade desta contribuição é apresentar Francisco de Sales, bispo e pastor de Genebra, diretor espiritual, enquadrando o exercício da direção espiritual em sua práxis pastoral, esclarecer o que ela significou em sua vida e em sua extraordinária atividade episcopal, indicar como ele a exerceu e quais foram os seus principais aspectos específicos. As fontes primárias deste estudo não foram outras senão a mesma vida do santo e as suas obras: *Introdução à vida devota*, *Tratado do amor de Deus* e, especialmente, o seu epistolário.<sup>1</sup>

Dom Bosco, ao longo de sua vida, interessa-se por muitos santos, admira-os e inspira-se em muitos deles (S. Afonso, S. Felipe Neri, S. Vicente de Paulo, S. Luís Gonzaga etc.). Sente-se, contudo, especialmente atraído por S. Francisco de Sales, cujo retrato pôde contemplar desde seus anos de seminarista na capela do seminário de Chieri.

É impossível determinar o nível do conhecimento de Dom Bosco sobre a personalidade e os escritos do Bispo de Genebra. Todavia, há algo que necessariamente se impõe. Dom Bosco é um homem prático, que consegue aferrar o essencial das coisas. E consegue apreender também o essencial da vida e dos escritos de Francisco de Sales. O que mais o impressiona e mais influi sobre ele é, de um lado, o exemplo do apóstolo ardoroso do Chablais calvinista; e, de outro, a mansidão e a doçura do seu coração. Ou seja, Dom Bosco concentra a mensagem de Francisco de Sales na caridade pastoral e na amabilidade; Dom Bosco vê Francisco de Sales como pastor zeloso, sempre animado pelo espírito de doçura, mansidão e bondade.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Os escritos de S. Francisco de Sales estão reunidos nos XXVI volumes da edição *Oeuvres de saint François de Sales. Évêque et Prince de Genève et Docteur de l'Église*. Édition complète d'après les autographes et les éditions originales, enrichie de nombreuses pièces inédites, 27 vols.; *Lettres* XI-XXI, Monastère de La Visitation, Annecy 1892-1932, na abreviação *OEA*, tomo e página [N.d.E.].

<sup>2</sup> Cf. SÃO JOÃO BOSCO, *Storia ecclesiastica ad uso delle scuole*, Turim 1845; *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, Editora Dom Bosco, Brasília 2012; E. ALBURQUERQUE, *Don Bosco y San Francisco de Sales*, Editorial CCS, Madri 2007; A. PEDRINI, *San Francesco di Sales e Don Bosco*, Roma 1986.

## 1. PASTOR ZELOSO

É o que Francisco de Sales realmente foi: pastor zeloso, ardoroso. Ao contemplar sua figura e sua espiritualidade, estamos habituados, às vezes, a admirar de modo especial o modo com que viveu o amor com a doçura e a mansidão da ação. Apesar disso, madre Chantal, talvez a pessoa que conheceu o santo no modo mais profundo e elevado, não duvidou em afirmar que nele havia uma virtude mais dominante ainda: o zelo pela salvação das almas.<sup>3</sup>

Hoje, na Igreja, falamos de caridade pastoral. Isso significa que a participação no amor de Deus se manifesta no serviço e no amor ao próximo. Ou seja, como todo amor, a caridade pastoral tem origem no amor de Deus, e este amor se manifesta ativamente no serviço pastoral. Trata-se de um amor segundo Deus, vivido na participação da missão salvífica de Cristo Pastor, enviado pelo Pai para a salvação de todos os homens.

Embora nos tempos do Bispo de Genebra a expressão ainda não tivesse sido criada, pode-se garantir que a sua espiritualidade é orientada totalmente pela corrente vital do amor divino que se transforma em caridade pastoral, motor do dinamismo que vive e demonstra em suas obras. Francisco de Sales ama a Deus e só deseja que todas as criaturas o amem. Talvez o seu ensinamento mais importante seja precisamente este: quem chega a amar e experimentar o amor de Deus, não pode deixar de convertê-Lo e o seu Reino em objetivo da própria existência. Francisco de Sales vive imerso no amor de Deus, e toda a sua vida não é outra coisa senão uma resposta reconhecida ao Amor. Nesse sentido, o mesmo Santo escreve:

“Esta divina paixão é aquela que deu origem a tantos empreendimentos apostólicos; aquela que semeou de tantas aventuras as vidas de Xavier, Berceo e Antonio, com a multidão de jesuítas, capuchinhos, religiosos e eclesiásticos de todas as classes nas Índias, no Japão, no [rio] Maranhão, enviados a difundir e fazer adorar o nome sagrado de Jesus em meio a tão grandes povos; aquela que ditou tão grandes livros de piedade, construiu tantas igrejas, altares e casas de piedade; enfim, aquela que faz vigiar, trabalhar e morrer tantos servos de Deus entre as chamas do zelo que os consome e devora”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Declaração da madre Joana Francisca Frémyot de Chantal na causa de beatificação e canonização, in F. M. CHAUGY, *Juana Francisca Frémyot de Chantal. Su vida y sus obras III*, Madri 1929, 234-237.

<sup>4</sup> *Tratado del amor de Dios*, V, 9.

Para Francisco de Sales, zelo é sinônimo de “amor ardente” ou, melhor, de “amor amante”. Quando procura descrevê-lo, ele afirma: “O verdadeiro zelo é filho da caridade sendo, como é, o seu ardor”. Esta é a sua característica peculiar; e essa filiação o reveste de todos os aspectos que acompanham o verdadeiro amor:

“Como a caridade, é paciente, benigna, sem desordem, sem disputas, sem ódio, sem inveja, e alegra-se na verdade. O ardor do verdadeiro zelo é como o do caçador diligente, solícito, ativo, laborioso e muito afeiçoado à caça, mas sem cólera, sem ira, sem agitação; se o trabalho dos caçadores fosse colérico, irado ou penoso, não seria tão amado nem estimado. O verdadeiro zelo possui ardores muito abrasadores, mas constantes, firmes, afetuosos, laboriosos, amáveis e incansáveis”.<sup>5</sup>

Assim brilhava nele de modo singular. Sua alegria era incomparável quando podia constatar a conversão operada por Deus no coração dos pecadores; e a sua aflição era amarga diante da dureza dos que se fechavam à graça. Estava disposto a abandonar até mesmo a oração e o serviço direto de Deus pelo serviço do próximo. Foi, realmente, um apóstolo incansável, sempre disposto a suportar aflições e fadigas, dificuldades, sofrimentos, calúnias, perseguições pelo Reino de Deus e pela salvação das almas.

Estimulado pela caridade de Cristo, entregou-se inteiramente à salvação das almas, colocando sempre a ação pastoral no coração de Cristo, prolongando e participando da sua mesma atividade de Bom Pastor. Assim o vê Dom Bosco na missão do Chablais, missão realmente difícil, que lhe causou muitas aflições e sofrimentos; e assim o viram muitos que compararam a sua missão com a de Francisco Xavier na Índia. Ao final da missão, o Duque de Saboia, Carlos Emanuel, apresenta-o ao Card. Alexandre de Medici (futuro papa Leão X) com estas palavras:

“Monsenhor, apresento-vos o apóstolo do Chablais; eis um homem enviado por Deus que, inflamado por um grandíssimo zelo pela salvação das almas, não sem grave perigo para a própria vida, propagou nesta província a palavra de Deus e implantou a Cruz de Nosso Senhor”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Tratado del amor de Dios*, X, 16.

<sup>6</sup> Cit. in A. RAVIER, *François de Sales. Un sage et un saint*, Nouvelle Cité, Paris 1985, 78-79.

A caridade pastoral praticada pelo apóstolo do Chablais acompanha a vida inteira de Francisco de Sales e define também a sua atividade episcopal. O Bispo de Genebra entrega-se inteiramente à própria diocese; durante vinte anos de episcopado consagra-lhe os seus dias e as suas noites. Enquanto bispo, sente-se e reconhece-se especialmente pastor: “pastor das ovelhas mais carentes, médico daqueles que sofrem”, declara. Está tão convencido de que a salvação das almas faz parte da sua própria salvação, que escreve: “parte tão grande que equivale quase ao todo”; tem consciência, portanto, de trabalhar pela própria salvação quando busca a dos outros. Todas as preocupações parecem-lhe poucas quando se trata de levar o evangelho, construir a Igreja de Cristo, promover a reforma católica desejada pelo Concílio de Trento.

Não podemos nos deter na atividade pastoral ingente deste exímio pastor, simplesmente porque não é este o tema principal de nossa reflexão. Deveríamos observar, sem dúvida, a importância de suas visitas pastorais a todas as paróquias da vasta diocese de Genebra, as suas iniciativas de reforma eclesial no campo da liturgia, da catequese, da educação, do ensino e da formação religiosa do povo, no ministério da palavra, nos sínodos diocesanos etc. Foi-nos pedido para nos determos na atividade pastoral praticada por Francisco de Sales na direção espiritual. Ela é, sem dúvida, um aspecto fundamental da sua atividade pastoral cotidiana. Ele acompanhou espiritualmente religiosas e sacerdotes, importantes personalidades históricas, pessoas da alta sociedade e muita gente simples através do sacramento da reconciliação, do colóquio pessoal e de milhares de cartas escritas com essa finalidade.

Historicamente, dois casos têm importância especial: a direção espiritual de Luisa Duchastel, senhora de Charmoist, que deu origem ao seu livro mais famoso, *Introdução à vida devota*, e a direção de Joana Francisca Frémyot, baronesa de Chantal, que ele acompanha espiritualmente da viuvez à fundação da Ordem da Visitação e à santidade, e cuja experiência espiritual palpita como pano de fundo no *Tratado do Amor de Deus*. Como afirma Lajeunie, Francisco de Sales tornou a arte da direção espiritual realmente popular no mundo.

## 2. O DOM DO DISCERNIMENTO

Para Francisco de Sales, a direção espiritual constitui uma das atividades mais estimadas do seu ministério episcopal. Ele acredita que, sobretudo ao Bispo,

cabe levar as almas à perfeição, e confessa que, embora se tratando de trabalho difícil, é empresa consoladora:

“Confesso que é muito trabalhoso dirigir almas em particular, mas é trabalho consolador, semelhante ao dos semeadores e colhedores que nunca estão tão alegres como quando estão muito empenhados. Trabalho que alarga o coração, o reconforta e reaviva com a suavidade que comunica a quem o inicia, semelhante ao efeito do cinamomo sobre aqueles que o transportam através da Arábia Feliz”.<sup>7</sup>

O Bispo de Genebra foi e é certamente reconhecido como um dos grandes mestres da direção espiritual. Para isso é preparado por toda a sua formação. Nos anos de estudante em Paris, além do acompanhamento do seu preceptor e tutor, o abade Déage, teve provavelmente um diretor espiritual, embora não conheçamos o seu nome, escolhido entre os jesuítas do Colégio Clermont. Em Pádua, desde a sua chegada, confiou-se ao padre Antonio Possevino. De retorno à Saboia, nos momentos tão importantes de discernimento e luta vocacional, foi acompanhado pelo padre Amadeo Bouvard. Nos inícios do episcopado confia-se ao padre Fourier, reitor do colégio dos jesuítas de Chambéry. Durante alguns anos, confessa-se regularmente com Felipe de Quoex, penitenciário de sua catedral. Desde 1608 confia a própria consciência a Miguel Favre, jovem sacerdote recém-ordenado.

Contudo, além desta longa experiência de ser orientado e da sua acurada preparação intelectual, possuía de forma elevada o dom da direção dos espíritos. Todos os seus biógrafos garantem que Deus lhe dera uma lucidez particular para a direção das almas. Segundo A. Hamon, poucas pessoas possuíram de modo tão elevado a visão, tão fina e profunda, de penetrar na intimidade das consciências, aquela espécie de intuição sobrenatural que é a alma de uma sábia direção.<sup>8</sup> No processo de canonização, madre Chantal declarou:

“Entre todos os dons que o nosso Bem-aventurado Fundador recebeu de Deus, o de discernimento dos espíritos foi um dos mais eminentes; e esta é uma das verdades que jamais foi colocada em dúvida por quem quer que o tenha frequentado e tratado pessoalmente. Por isso, recorriam a ele de diversos lugares com a finalidade de obter esclarecimentos para suas dúvidas de consciência (...). O número das almas que acompanhou ao longo do caminho da perfeição

<sup>7</sup> *Introduction à La vie dévote*, in Œuvres, III. [N.d.T.: “Arábia Feliz”, ou *Arabia Felix*, em latim, era o nome dado à região hoje correspondente ao Iêmen e Omã.]

<sup>8</sup> A. HAMON, *Vida de San Francisco de Sales II*, Difusión, Buenos Aires 1948, 356.

cristã, em diversos lugares, é quase inumerável (...). Tinha uma visão tão penetrante que, quando lhe falavam ou lhe escreviam sobre a própria consciência, discernia com delicadeza e clareza sem iguais as inclinações, moções e todos os segredos das almas, e falava em termos tão precisos, claros e inteligíveis, que fazia compreender com grande facilidade as coisas mais delicadas e elevadas da vida espiritual”.<sup>9</sup>

Dotado de dons de natureza e graça, atraía de modo simples e natural muitas almas desejosas de perfeição. Desde a ordenação sacerdotal em 1593, confessa muitas pessoas de todas as classes e condições, inclusive vários familiares. Sua própria mãe chega a considerá-lo como seu diretor espiritual. Era normal encontrá-lo na catedral de São Pedro, disponível por longas horas à escuta dos penitentes. Acolhia a todos com grande amor e doçura; a muitos, ele seguia e acompanhava na tarefa da direção espiritual, quer através do colóquio pessoal quer através da correspondência epistolar.

É certamente indispensável referir-nos à sua correspondência epistolar ao tratar da direção espiritual do Bispo de Genebra. Talvez possamos conhecer melhor a importância dada por ele à direção espiritual e a sua práxis pastoral precisamente através das muitas cartas que escreveu. Francisco de Sales sempre foi um homem sumamente ocupado; isso, porém, não o impedia, segundo a confissão de seus íntimos, de dedicar todos os dias um bom tempo para escrever cartas; muitas delas são de direção espiritual.<sup>10</sup> O próprio Bispo fala de milhares de cartas que recebe<sup>11</sup> e do “dilúvio de cartas que está para escrever”.<sup>12</sup> Com elas, o Bispo de Genebra desenvolve uma atividade ingente de direção espiritual. Nas cartas, palpita também o coração de Francisco de Sales, um “coração de carne”, terno, sensível, apaixonado, feito para amar e ser amado; e nelas pode-se perceber a densidade espiritual do santo Bispo. São muitos os que pensam que a sua correspondência epistolar represente a história de sua vida, a mais completa e a mais fiel. Efetivamente, nas *Cartas* ele se manifesta no modo mais vivo e transparente; melhor do que em nenhuma outra de suas obras, é possível contemplar nelas toda a sua rica personalidade. Se a *Introdução à vida devota* ou o *Tratado do Amor*

<sup>9</sup> Declaração de madre Joana Francisca Frémyot de Chantal na causa de beatificação e canonização, in: *Juana Francisca Frémyot de Chantal. Su vida y sus obras III*, Madri 1929. Pode-se ver o texto em: E. ALBURQUERQUE, *Una espiritualidad del amor: San Francisco de Sales*, Editorial CCS, Madri 2007, 217-218.

<sup>10</sup> Segundo afirma Michel Favre: “não passava um só dia em que ele não escrevesse vinte ou vinte e cinco cartas, respondendo a todo tipo de pessoas: *Oeuvres de saint François de Sales* (OEA XI, p. XIX).

<sup>11</sup> OEA XIX, 353.

<sup>12</sup> OEA XX, 245.



de Deus fazem-nos admirar o teólogo, o doutor, o santo, as *Cartas* revelam-nos o homem, um homem dotado de natureza sensível, delicada e, ao mesmo tempo, de extraordinária profundidade espiritual; revelam-nos um Francisco de Sales perfeitamente humano e perfeitamente homem de Deus.

Embora sua atividade epistolar tenha começado quando ainda era estudante, parece que o epistolário espiritual tem início depois da sua permanência em Paris, em 1602; aumenta depois da pregação da quaresma em Dijon (1604) e, desde então, mantém uma importância decisiva na atividade cotidiana do Bispo até o fim de sua vida. Efetivamente, durante sua permanência em Paris, em 1602, Francisco de Sales estabelece uma relação espiritual muito consistente com diversas personalidades e comunidades parisienses, especialmente com as que fazem parte do círculo da senhora Acarie. Muitos recebem os seus conselhos e muitos começam a admirá-lo como extraordinário diretor de almas. Depois, após o encontro com Joana Francisca de Chantal, nos anos em que prepara a fundação da Visitação e a nova família religiosa caminha, essa tarefa ocupa grande parte dos seus dias.

Atualmente, estão publicadas mais de duas mil cartas salesianas. A edição principal continua aquela em onze volumes da edição das *Obras Completas*, do Mosteiro da Visitação de Annecy; a partir desta edição foram publicados vários volumes de seleção de cartas.<sup>13</sup> Têm certamente um notável interesse histórico, também pelo fato de dirigir-se a um círculo muito amplo de correspondentes e pela importância de alguns deles no seu tempo (Clemente VII; Paulo V; Gregório XV; Bellarmino; Bérulle; Carlos Emanuel, Duque de Saboia; Antonio Favre, Presidente do Senado de Chambéry; Vicente de Paulo; a senhora Acarie; Angélica Arnaud). Todavia sua importância é principalmente espiritual: são cartas espirituais. Com elas, de modo personalizado, Francisco de Sales dirige muitas almas, transmite o seu pensamento e experiência espiritual.

O Bispo de Genebra serve-se deste gênero literário para dirigir e acompanhar espiritualmente muitas almas com as quais estabelece relação em suas pregações quaresmais em lugares muito diversos (Paris, Dijon, La Roche, Chambéry, Grenoble etc.) ou nas visitas pastorais às paróquias de sua diocese. Dentre os correspondentes, acompanhou alguns até o fim de sua vida (a senhora de la

---

<sup>13</sup> Cf. E. LE COUTURIER, *Lettres de direction et Spiritualité de Saint François de Sales*, Vitte, Lion 1952; A. RAVIER, *Correspondence. Les lettres d'amitié spirituelle*, Desclée de Brouwer, Paris 1980 (trad. italiana); J. GUTIERREZ, *San Francisco de Sales. Cartas espirituales*, Editorial Litúrgica Española, Barcelona 1945; E. ALBURQUERQUE, *Dirección y amistad espiritual, Cartas de san Francisco de Sales a santa Juana Francisca de Chantal*, Editorial CCS, Madri 2009<sup>2</sup>.

Fléchère, a senhora Brûlart), acompanhando muito de perto o seu progresso espiritual, as suas batalhas, os seus sucessos e falências; outros, porém, mudaram de direção; alguns, apenas iniciado o itinerário, desistiram. Entre todos tem importância muito especial a viúva baronesa Joana Francisca de Chantal, que se transformou na filha predileta do Bispo e na obra mestra da sua direção espiritual.

Sintetizando, parece-me que se possa afirmar que as cartas salesianas constituem um testemunho irrefutável da importância da direção espiritual na vida e ação pastoral de S. Francisco de Sales. Manifestam de modo claro e contundente a sua atividade intensa nesse campo, refletem a figura de diretor espiritual que ele encarna, fazendo ressaltar, também, as linhas próprias da direção espiritual conduzida pelo Bispo de Genebra. Mostram-nos, na verdade, o Francisco de Sales diretor e guia espiritual.

### **3. CARACTERÍSTICAS DA DIREÇÃO ESPIRITUAL DO BISPO DE GENEBRA**

A partir, sobretudo das cartas, procurarei traçar o perfil de Francisco de Sales diretor espiritual, indicando as características que me parecem mais importantes na sua atividade de guia e acompanhante no itinerário da perfeição cristã. Agrupo-as ao redor de três eixos: personalização, humanismo e amizade. Parece-me que a direção espiritual realizada pelo Bispo de Genebra em sua práxis pastoral é especialmente uma direção personalizada, humanista e colocada na perspectiva da amizade espiritual.

#### **3.1. Direção personalizada**

Se observarmos as suas cartas de direção espiritual, notamos antes de tudo que, para Francisco de Sales, cada uma delas era algo muito pessoal, muito íntimo. O Bispo de Genebra jamais pensou que as suas cartas espirituais seriam publicadas; desagradava-lhe até mesmo que alguns de seus fragmentos passassem de mão em mão. Ele as escrevia respondendo a situações pessoais de seus destinatários. Francisco de Sales tem o dom de personalizar cada carta. Para ele, nenhum de seus correspondentes é idêntico aos demais e nenhum deles é sempre o mesmo. Cada carta adapta-se, então, não só à pessoa, mas até mesmo às dife-

rentes situações vividas por ela. Ele aceita a pessoa que está dirigindo tal como ela é e, a partir da situação espiritual concreta em que se encontra, ele a orienta e acompanha no caminho da perfeição. Obtém realmente uma admirável sintonia e empatia com cada uma das almas, porque chega à profunda percepção e ao conhecimento do coração humano, dos valores espirituais, das aflições e reações interiores. Tudo isso parece visível e tangível a Francisco de Sales.

Ou seja, Francisco de Sales demonstra sempre grande sensibilidade pela individualidade e subjetividade da pessoa; procura a sua verdade com simplicidade e quer resgatá-la do automatismo, da rotina e do temor que ameaçam com muita frequência as almas desejosas de iniciar o itinerário da sequela e do amor de Deus. Ele possui o dom de uma observação penetrante do coração humano no qual fixa a atenção para buscar as raízes do bem e do mal. Segundo o testemunho de Joana Francisca de Chantal, a primeira coisa que ele fazia era informar-se bem das disposições das almas com as quais tratava. Para iniciar a obra de direção, queria-as dispostas e desejosas de chegar à “devoção”, ao amor divino:

“Se não as encontrava dispostas, parava imediatamente, não querendo desperdiçar palavras onde não há ouvintes; mas, tão logo reconhecia a unção do espírito de Deus, dispensava às almas as instruções e os ensinamentos necessários para a sua salvação”.<sup>14</sup>

Este extraordinário sentido pedagógico, que inicia tomando as almas na situação em que elas se encontram, manifesta-se especialmente em sua capacidade de guia e em oferecer a cada uma o alimento conveniente à própria personalidade, caráter e situação espiritual. Nada mais admirável do que a flexibilidade e capacidade de adaptação da sua direção. Ele adapta a orientação e os conselhos à situação pessoal, familiar, social, buscando sempre a realização perfeita dos próprios deveres.<sup>15</sup> Exemplo paradigmático é o projeto de vida que propõe numa de suas cartas à baronesa de Chantal.<sup>16</sup>

Por trás e como pano de fundo desta sensibilidade e capacidade de adaptação, há no Bispo de Genebra um sagrado respeito pela pessoa como indivíduo.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> Declaração de madre Chantal no processo de santidade e milagres, in F. M. CHAUGY, *Juana Francisca Frémoyot de Chantal, cit.*, 219.

<sup>15</sup> Cf. J. STRUS, “Il metodo della direzione spirituale nell’insegnamento e nella pratica di San Francesco di Sales”, *Salesianum* 40 (1978) 289-306.

<sup>16</sup> Cf. Carta CCXXXIV, *OE A XII*, 352-370.

<sup>17</sup> Cf. M. WIRTH, *François de Sales et l’éducation. Formation humaine et humanisme intégral*, Éditions Don Bosco, Paris 2005, 299-310.

Acusou-se com frequência a direção espiritual tradicional de controlar, tutelar e direcionar excessivamente. Não é essa a perspectiva nem a orientação em que se coloca a ação pastoral concreta de Francisco de Sales. Ao contrário, ele se demonstra sempre sumamente respeitoso da pessoa, da sua autonomia, da sua consciência. Inclina-se sobre ela e a ela se adapta. São muitos os seus dirigidos e correspondentes, e muitíssimo diferentes as suas condições e situações sociais e espirituais. O Bispo de Genebra sempre se esforça para adequar-se, e consegue-o, ao temperamento de seus dirigidos, aos seus deveres de estado, ao seu nível de progresso na perfeição cristã. Na *Introdução à vida devota*, ele proclama que “Deus ordena aos cristãos, plantas vivas da sua Igreja, que produzam frutos de devoção de acordo com a própria qualidade e estilo” e, por isso, “a devoção deve ser praticada diferentemente pelo cavalheiro, pelo operário, pelo servo, pelo príncipe, pela viúva, pela donzela, pela casada” e, também, “é preciso adaptar a sua prática às forças, às ocupações e aos deveres de cada estado”.<sup>18</sup>

Toda a sua práxis pastoral confirma esse ensinamento. E é esse o segredo e a mais admirável arte de Francisco de Sales como diretor espiritual. A finalidade da direção espiritual é sempre a mesma para todos: orientar para a perfeição cristã. A verdadeira arte está em conseguir indicar exatamente o itinerário específico que a ela conduz. Esta é a arte do Bispo de Genebra, sabedor de que “cada planta e cada flor precisa de um cuidado especial num jardim”,<sup>19</sup> ele penetra na intimidade da pessoa, chega ao conhecimento profundo da sua situação espiritual e adapta-se à individualidade, à condição, ao caráter e às forças de cada uma.

### 3.2. Direção humanista

F. Strowski escreveu que a direção espiritual em Francisco de Sales é, sobretudo, “uma pedagogia”.<sup>20</sup> E. J. Lajeunie explica a pedagogia espiritual a partir da dialética dos desejos. Segundo o conhecido biógrafo do santo, a alavanca em que se apoiava a direção espiritual de Francisco de Sales era a tendência ao desejo de Deus escondido no desenvolvimento dos desejos contrários.<sup>21</sup> Um texto do *Tratado do Amor de Deus* pode ajudar-nos a entendê-lo:

<sup>18</sup> *Introducción a la vie dévota*, in *OEA I*, 4.

<sup>19</sup> Carta MCXXVII (a Madre Favre), *OEA XVII*, 81.

<sup>20</sup> Cf. F. STROWSKI, *Saint François de Sales. Introduction à l'histoire du sentiments religieux en France au dix-septième siècle*, Plon, Paris 1928, 171.

<sup>21</sup> Cf. E. J. LAJEUNIE, *San Francisco de Sales. El hombre, el pensamiento, la acción II*. Monasterio de la Visitación de Santa María, Salamanca 2001, 253-255.

“A nossa alma, portanto, considerando que nada pode satisfazê-la plenamente, nem a sua capacidade pode ser preenchida por alguma coisa deste mundo, e vendo que a inteligência sente uma contínua necessidade de saber sempre mais e a vontade, um apetite insaciável de querer encontrar o bem, tem razão em exclamar: *Eu, então, não sou feita para este mundo! Existe um bem real do qual eu dependo, artifice infinito que inseriu em mim este desejo ilimitado, este apetite insaciado; é necessário que tenda para ele a fim de unir-me intimamente à sua bondade à qual pertença, da qual eu sou.* Essa é a relação que temos com Deus”.<sup>22</sup>

O texto alude à espiritualidade de tensão e de extensão, uma espiritualidade que parte do coração humano, inquieto porque foi criado por Deus e para Deus, e não encontra repouso enquanto não se unir intimamente à sua bondade e ao seu amor.

Por isso, a partir desta perspectiva de direção espiritual, a primeira preocupação para o Bispo de Genebra é ajudar a alma a tomar consciência deste desejo real. Assim, no início da direção espiritual da baronesa de Chantal, pede a Deus que se compraza em aperfeiçoar nela “a sua boa obra, ou seja, o desejo e o propósito de alcançar a perfeição cristã; desejo que deve amar e alimentar no próprio coração com ternura, como uma tarefa do Espírito Santo e uma centelha do seu fogo divino”.<sup>23</sup>

Esta pedagogia espiritual de suscitar e aperfeiçoar os santos desejos começa a partir da resistência a qualquer desejo contrário, subordinando todos os desejos ignóbeis, submetendo-os e dominando-os. Numa imagem muito bela, o Doutor do Amor compara o coração humano ao ninho de um pássaro singular, o martim-pescador, ninho construído junto ao mar, mas compacto e bem calafetado em todos os seus lados, deixando apenas no lado superior uma pequena abertura para respirar, de modo que, se o mar o surpreender, poderá navegar e flutuar sobre as ondas sem se encher de água ou submergir. S. Francisco de Sales comenta alegremente esta imagem:

“Filha, desejo muito que os nossos corações sejam assim, perfeitamente compactos, bem calafetados de todos os lados para que, se sobrevierem as tormentas e tempestades do mundo, não penetrem e não tenham nenhuma abertura a não ser para o Céu, para aspirar e respirar o Salvador”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> *Traité de l'Amour de Dieu*, in *OEA* IV, 76.

<sup>23</sup> Carta CCXVI, *OEA* XII, 263.

<sup>24</sup> Carta CCCXXI, *OEA* XIII, 127.

O coração humano, então, é coração para o amor, para aspirar e respirar sem descanso em direção a Deus; mas é necessário cuidar e reforçar este santo desejo, submetendo e subordinando a ele todos os demais.

Encontramos, também aqui, nesta pedagogia dos desejos, uma verdadeira pedagogia positiva. Não se trata de cortar e suprimir, mas de dominar, controlar, subordinar. De um lado, emerge o humanismo salesiano, que nunca é uma simples teoria, mas se fundamenta numa práxis pastoral que tem influxo decisivo em todo o pensamento espiritual. Contrariamente ao jansenismo, que condena o que é humano e atribui um sentimento de culpa ao desejo de amar, de saber, de sentir, Francisco de Sales aceita tudo o que pertença ao homem e o ajude a crescer e amadurecer como pessoa. Este sentido humanista é também uma das características da direção espiritual salesiana. Nasce da grande estima que atribui a um conjunto de valores muito ligados à pessoa humana, manifesta-se no respeito ao corpo, à vida afetiva, à ciência e à cultura, à beleza e elegância, e também na distensão alegre e na ascese.

Para Francisco de Sales, a alma da direção espiritual é, certamente, o amor de Deus e por Deus. E assim como o Espírito Santo é o amor por excelência, Ele é a luz e a graça que pode ajudar cada pessoa a compreender e transformar em realidade as coisas necessárias para o próprio bem espiritual. A convicção profunda da ação do Espírito no coração dos homens, guiando-os e acompanhando-os no caminho da vida cristã, está muito presente e viva na práxis e no pensamento salesiano.<sup>25</sup>

Não me referirei diretamente a este aspecto, que suponho estará muito presente nestes dias ao tratar da pessoa do diretor espiritual e do método. Quero sublinhar, porém, na perspectiva humanista da direção espiritual salesiana que, segundo o Bispo de Genebra, o Espírito age na alma através de inspirações, sem violentá-la.

Para Francisco de Sales, a ação do Espírito em nosso interior é um chamado à liberdade. Para ser realmente eficaz em nossa vida cristã precisamos de escuta, obediência e docilidade: “Deixo-lhe o espírito de liberdade, não aquele que exclui a obediência, porque ele é liberdade da carne, mas aquele que exclui a coação e o escrúpulo ou a agitação imoderada”, escreve à baronesa de Chantal.<sup>26</sup> Com razão e pela própria experiência, ela pôde testemunhar no processo de beatificação e canonização:

---

<sup>25</sup> Cf. J. STRUS, “I protagonisti della direzione spirituale secondo l’insegnamento e la pratica di San Francesco di Sales”, *Salesianum* 40 (1978) 293-342.

<sup>26</sup> Carta CCXXXIV à senhora de Chantal, *OE A* XII, 359.

“Era totalmente admirável e incomparável em treinar os espíritos segundo as próprias capacidades, sem jamais apressá-los, mas dava e imprimia nos corações uma liberdade que dissolvia qualquer escrúpulo e objeção, e elevava as almas a um amor tão suave em relação a Deus, que dissipava todas as dificuldades que se pensa encontrar na vida devota”.<sup>27</sup>

A busca da “liberdade dos filhos de Deus” constitui, sem dúvida, uma característica própria da direção espiritual; todo diretor espiritual deve deixar livres os seus dirigidos e penitentes e acompanhar os processos de amadurecimento da sua liberdade. Mas não é menos verdade que esta é uma das características mais relevantes em Francisco de Sales, uma das principais orientações que segue pessoalmente e que propõe àqueles que se entregam à sua ação pastoral. Escrevia à senhora de Chantal: “é necessário que reine a liberdade e a franqueza, e que não tenhamos outra lei nem sujeição senão a do amor”.<sup>28</sup>

Fala o santo Doutor da liberdade do amor (“tudo por amor, nada por força”), ou seja, da liberdade submetida às exigências do Amor, à lei de Deus, que é a lei da caridade. Por isso, o verdadeiro espírito de liberdade não exclui a obediência, mas a coação e a violência. O espírito de liberdade preocupa-se apenas para que na terra se faça a vontade de Deus, venha o seu Reino e seu nome seja santificado. Ser livre espiritualmente significa escolher sempre o bem. Por isso, priva-se da liberdade quem não é capaz de escolher entre os bens que se apresentam.

De maneira muito concreta, Francisco de Sales explica em que consiste a liberdade de espírito, indicando os critérios para reconhecê-la: o coração livre não se submete às consolações, nem às práticas espirituais, nem aos resultados, nem aos próprios gostos. Escreve de forma muito detalhada, sugerindo os sinais indicadores da liberdade de espírito:

“O coração que possui esta liberdade não se apega às consolações e recebe os sofrimentos com toda a doçura que a carne pode permitir... Não coloca seu afeto nos exercícios espirituais, de modo que se vendo contrastado tanto pela doença quanto por qualquer outra circunstância, não fica aborrecido. Não digo que não os ame, mas que não se apega a eles. Não perde a alegria, porque nenhuma privação aflige quem não tem o coração apegado a nada”.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Declaração de madre Chantal no processo sobre a santidade e os milagres, in F. M. CHAUGY, Juana Francisca Frémiot de Chantal, cit., 219.

<sup>28</sup> Carta CCXXXIV, OEA XII.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 363.

E, para chegar a uma compreensão mais completa destes critérios, apresenta na mesma carta dois exemplos: do cardeal Borromeu e do bispo Espiridião. Descreve o primeiro como “o espírito mais perfeito, rígido e austero que se possa imaginar”: bebia somente água e comia apenas pão. Entretanto, “comendo frequentemente com os suíços, seus vizinhos, para incentivá-los a comportar-se melhor, não tinha nenhuma dificuldade em fazer com eles dois brindes em cada refeição”. Isso, diz-nos o doutor do Amor, é um traço de santa liberdade: “um espírito caprichoso teria exagerado; um espírito constrangido acreditaria ter pecado mortalmente; um espírito de liberdade o fez por caridade”. Igualmente, o velho bispo Espiridião, “tendo acolhido um peregrino quase morto de fome no tempo da Quaresma e num lugar onde havia somente carne salgada, fê-la cozinhar e ofereceu-a ao peregrino. Este não queria comê-la malgrado a sua necessidade. Espiridião, que não tinha qualquer necessidade, comeu-a por primeiro para libertar o peregrino dos escrúpulos. Esta é a liberdade caridosa de um homem santo”.

A união entre amor e liberdade talvez seja a chave para compreender que na práxis salesiana não há contradição entre liberdade e fidelidade: a liberdade de espírito não é contrária à fidelidade aos deveres, às obrigações e aos preceitos. No caso em que estes não possam ser realizados, a liberdade impede perturbações ou inquietações da alma. Na verdade, a liberdade favorece a verdadeira fidelidade, a fidelidade feliz e alegre; sobretudo tendo pela mão a liberdade e o amor, a pessoa caminha para a maturidade humana e espiritual e cresce na perfeição cristã.

Todavia, para chegar à verdadeira liberdade de espírito, o Bispo de Genebra ensina que se devem evitar dois vícios ou defeitos que a corrompem ou impedem: a instabilidade ou capricho e a coação ou servilismo. A instabilidade de espírito é o excesso de liberdade que move a pessoa a mudar exercícios, propósitos, projetos, estado de vida sem motivo nem conhecimento de que essa é a vontade de Deus. Contrariamente, a coação ou o servilismo demonstra falta de liberdade: diante da impossibilidade de pôr em prática o que foi decidido, o espírito se atormenta ou se perturba. Para explicar estes defeitos, recorre também a um exemplo:

“Decidi fazer a meditação todos os dias pela manhã. Se possuo o espírito de instabilidade ou capricho, na menor ocasião a deixarei para a noite (por causa do cão que não me deixou dormir, pela carta mesmo não urgente que devo escrever). Ao contrário, se possuo o espírito de coação ou servilismo não deixarei a meditação, mesmo que um doente precise do meu auxílio naquele momento,



mesmo que uma obrigação urgente não possa ser adiada, e o mesmo em outros casos”.<sup>30</sup>

No pensamento salesiano aparece com clareza que a caridade e a vontade de Deus aconselham e permitem abandonar determinados deveres e obrigações para empenhar-se em outros, se isso for exigido pela mesma vontade de Deus.

Para o diretor espiritual, a educação à liberdade representa uma das tarefas essenciais, porque só a pessoa livre de espírito é capaz de iniciar com alegria o caminho da perfeição cristã. Seus frutos e efeitos são realmente admiráveis: “uma grande suavidade de espírito, uma grande doçura e condescendência por tudo que não seja pecado ou perigo de pecado, uma inclinação para os atos de virtude e de caridade”. Sumamente respeitoso da liberdade de cada um, servia-se para isso de diversos métodos. Sua finalidade resulta muito clara de uma carta à abadesa de Puits- d’Orbe. Francisco fala-lhe da reforma necessária da comunidade, mas aconselha a superiora a não impô-la nem propô-la diretamente às religiosas que, talvez, pudessem opor-se. Segundo o Bispo de Genebra, é necessário que as religiosas, vendo e seguindo a conduta da superiora, se reformem e se unam mais estritamente à obediência e à pobreza.<sup>31</sup> Ele quer que as próprias pessoas sejam levadas a escolher e decidir, sem imposição do diretor espiritual. Evita, pois, qualquer imposição, mesmo correndo o risco de as pessoas dirigidas por ele parecerem independentes. Não expressa conselhos de modo impositivo, mas exortativo. São frequentes em suas cartas expressões do tipo: “agradar-me-ia”, “aprovaria”, “aconselharia”, “parecer-me-ia bom”... Com fino humorismo, coisa por outro verso muito presente em sua correspondência espiritual, escreve a uma religiosa: “Esforce-se por manter o seu coração em paz. Não lhe digo que *o mantenha em paz*, mas: *esforce-se por mantê-lo em paz*”.<sup>32</sup> Ou seja, ele não quer impor a própria vontade, prefere motivar a pessoa acompanhada, de modo que ela chegue a tomar as decisões necessárias. Aparece claro, então, o respeito à pessoa e à sua liberdade, assim como também o sentido da direção espiritual na práxis de Francisco de Sales: ele não pretende dominar as almas ou as consciências, mas ajudar, motivar, ensinar à pessoa dirigida o domínio pessoal no processo de perfeição.

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, 364.

<sup>31</sup> Cf. Carta CCXXXI, *OEA* XII, 337.

<sup>32</sup> Carta MDXLIX, *OEA* XIX, 12.

### 3.3. Direção de amizade

Talvez o traço que mais bem caracterize a direção espiritual salesiana é o clima de amizade recíproca que une o diretor e a pessoa por ele dirigida. Parece-me que se possa afirmar que para Francisco de Sales não há verdadeira direção espiritual se não houver verdadeira amizade, ou seja, comunicação, influxo recíproco; e trata-se de uma amizade que chega a ser verdadeiramente espiritual.

O Amor de Deus está no centro do pensamento, da vida e da ação de S. Francisco de Sales. Segundo Ravier, toda a sua espiritualidade apoia-se no coração. A nossa relação com Deus deve ser um incessante coração a coração; a mesma coisa com as relações recíprocas.<sup>33</sup> Fora dessa perspectiva não poderíamos entrar no coração nem conseguir entendê-lo, como a ele era impossível entender o evangelho sem ver a admirável história do amor de Deus pelo homem. Do amor de Deus nasce o amor dos homens a Deus e ao próximo. O amor é a vida do coração:

“Assim como o pêndulo dá movimento a todas as engrenagens do relógio, também o amor dá à alma todos os movimentos que possui. Todos os nossos afetos seguem o nosso amor e, de acordo com ele, desejamos, nos deliciamos, esperamos e desesperamos, tememos, criamos coragem, odiamos, fugimos, entristecemos-nos, iramo-nos, sentimo-nos triunfantes...”<sup>34</sup>

O homem entrega-se inteiramente por amor, e entrega-se tanto quanto ama; abandona-se totalmente a Deus quando o ama totalmente e reflete o seu amor nos homens, criados à imagem e semelhança do mesmo Deus. E o amor ao próximo, lei fundamental da vida e da perfeição cristã, manifesta-se especialmente “buscando o maior bem para sua alma e para seu corpo”, buscando a sua perfeição e salvação.

Para isso tende a direção espiritual e, nela, segundo o pensamento e a práxis do Doutor do Amor, o amor do próximo converte-se em amizade espiritual. Entende-a de forma muito simples: mediante a amizade espiritual “duas, três ou mais almas comunicam-se a própria devoção, os próprios afetos espirituais e formam entre si um único espírito”; então, “o bálsamo da devoção comunica-se de coração a coração por meio da participação contínua”.<sup>35</sup> Trata-se, pois, de um amor comunicativo, recíproco, unificando, chegando à comunicação da devoção, da intimidade espiritual.

<sup>33</sup> Cf. A. RAVIER, *François de Sales. Un sage et un saint*, cit., 128.

<sup>34</sup> *Traité de l'Amour de Dieu*, in *OEAV*, 309.

<sup>35</sup> *Introduction à la vie dévote*, in *OEAV* III, 203.

Há, em Francisco de Sales, uma predisposição natural à relação pessoal, ao colóquio íntimo; e nisso sente sempre um grande prazer. Tanto seu trato ordinário como seus escritos são impregnados de uma tonalidade afetuosa, quer nas expressões com que se dirige àqueles aos quais escreve (*caríssima filha, caríssimo irmão, minha cara irmã, caro irmão*), quer nos termos abundantes de comunhão (*nós, a nossa alma, o nosso coração*) e no desenvolvimento das ideias e dos conselhos que propõe. Quando vê que algum dos correspondentes dirige-se a ele usando o termo *monsenhor*,<sup>36</sup> diz-lhe com simplicidade que prefere apenas o termo *senhor*<sup>37</sup> ou *pai*. Ele julga este último como o mais conveniente nas relações criadas pela direção espiritual, pois pensa que corresponde melhor à atitude cristã: “não quero em suas cartas – escreve à senhora de Chantal – outro título de honra que não seja o de pai; é para mim o mais seguro, o mais amável, o mais santo, o mais glorioso”.<sup>38</sup>

O tom afetuoso envolve as suas relações, as suas cartas de direção num clima de familiaridade e simplicidade evangélica, capaz de exprimir as ideias mais profundas através de episódios significativos, de confidências íntimas e até mesmo de refinado humorismo. Para alguns, tudo isso é simplesmente expressão do seu temperamento, como ele mesmo parece reconhecer.<sup>39</sup> Não obstante, além das disposições naturais, tudo parece indicar que é uma questão de fé e de uma vivência espiritual muito rica e profunda. O amor de Deus, que preenchia a sua vida, transformava-se em efusões de caridade transbordante de afeto e ternura.

A amizade espiritual é sempre recíproca e também tende ao intercâmbio espiritual, ao influxo recíproco entre diretor e dirigido. Há na personalidade de Francisco de Sales um dado que vale a pena ressaltar. Mesmo sem estar em pleno acordo com a observação de H. Bremond para quem, a respeito de Joana de Chantal, Francisco de Sales ter-se-ia comportado mais como dirigido do que como diretor, é preciso reconhecer o influxo recíproco entre estas duas almas privilegiadas. De fato, as cartas do Bispo de Genebra, através de suas confidências, de seus conselhos e sentimentos, permitem-nos entrar em sua intimidade e perceber as maravilhas daquela santa amizade, o crescimento espiritual de duas almas gêmeas. É um itinerário de confiança mútua, de liberdade e de amor.

<sup>36</sup> Carta CCXL à senhora de Chantal, in *OEA* XII, 380.

<sup>37</sup> Carta CCXCI à senhora De Limojon, in *OEA*, XIII 59.

<sup>38</sup> Carta CCCIV à senhora de Chantal, in *OEA* XIII, 85. Cf. também a carta CMVI ao duque de Bellegarde, in *OEA* XVI, 57; carta MDXXIV à abadessa de Port Royal, in *OEA* XVIII, 388; Carta MDCLXXV à presidente De Herse, in *OEA* XIX, 271.

<sup>39</sup> Cf. Carta MDCCCLXVII, in *OEA* XX, 216.

Os apelos do Bispo de Genebra à confiança são insistentes:

“Escrevei-me com a maior frequência possível, com toda a confiança de que sois capaz, pois o grande desejo que tenho do vosso bem e do vosso progresso me afligirá se não souber com frequência em que situação vos encontrais”.<sup>40</sup>

“Amo tanto a vossa alma porque creio que Deus a ama, e a amo ternamente porque a vejo ainda frágil e jovem. Tende, pois, plena confiança e liberdade de escrever-me e pedir-me o que julgardes necessário para o vosso bem”.<sup>41</sup>

“Escrevei-me sempre o que desejardes, com absoluta confiança e sem cerimônias, pois é assim que se deve caminhar nesta amizade”.<sup>42</sup>

E o itinerário é fruto da amizade. Francisco de Sales pede-a e concede-a, promove-a sempre, começando ele mesmo a confiar no outro de modo total e generoso.

Contudo, além disso, o caráter paterno-filial recíproco das relações mútuas cresce e enriquece-se de tal modo que Francisco de Sales não só manifesta a própria preocupação pelo progresso espiritual de quem ele dirige como também estende a sua solicitude, além do que pertence ao âmbito da direção espiritual, também à família, à saúde, aos negócios, às coisas materiais. De maneira muito simples, ele exprime o sentido do amor recíproco escrevendo ao duque de Bellegarde, seu dirigido: “Sei muito bem que os bons filhos pensam com frequência em seus pais, mas os pais pensam nos filhos não só frequentemente, mas sempre”.<sup>43</sup> Para ele, este amor de amizade é efeito da ação de Deus: Ele entrega um ao outro; e precisamente por ser fundamentado em Deus é imutável, resiste à separação física ou ao passar do tempo.

O amor recíproco deve exprimir-se e manifestar-se necessariamente na direção espiritual, porque só manifestando o seu amor o diretor espiritual pode conquistar a confiança do dirigido. Francisco de Sales nunca duvida em dar a conhecer a própria dedicação e entrega ao serviço das almas: “nunca rezo ou celebro sem vós, e não o digo para vangloriar-me, mas porque me sinto imensamente obrigado a fazê-lo”.<sup>44</sup> Quer que saibam que os ama, que está sempre à

<sup>40</sup> Carta CCXVI, in *OEA* XII, 263-267.

<sup>41</sup> Carta CLXXIV, in *OEA* XII, 163

<sup>42</sup> Carta CDXC, in *OEA* XIV, 85.

<sup>43</sup> Carta MCLVI ao duque de Bellegarde 6 de janeiro de 1616, in *OEA* XVII, 129.

<sup>44</sup> Carta CMI à abadessa de Puits-d’Orbe, 16 de julho de 1613, in *OEA* XVI, 46.

disposição deles, que podem recorrer a ele em qualquer momento. Mas, talvez, não surpreenda tanto que o Bispo de Genebra ame os seus filhos espirituais com um amor que manifesta de mil maneiras, quanto que também deseje e procure ser amado igualmente por eles. É assim; trata-se de um amor que quer ser correspondido.

Enfim, a amizade é sempre comunicativa e condicionada precisamente pelos bens que se trocam e comunicam. A comunicação dos bens espirituais é própria da amizade espiritual. É o aspecto enfatizado pelo Bispo de Genebra especialmente quando, na *Introdução à vida devota*, descreve o seu verdadeiro sentido: comunicação da devoção e dos afetos espirituais. A comunicação espiritual leva a formar “um só espírito entre si”. Neste sentido, apresenta o exemplo da amizade de S. Basílio e S. Gregório Nazianzeno descrita por este:

“Parecia que nós dois não fôssemos senão uma só alma em dois corpos...; nós dois formávamos uma só coisa, permanecendo um no outro; tínhamos uma única pretensão: cultivar a virtude e adequar os projetos da nossa vida às esperanças futuras”.<sup>45</sup>

Em sua práxis pastoral, o Bispo de Genebra serve-se de qualquer ocasião possível para sugerir bons propósitos com o fim de manter no caminho da perfeição. Mesmo quando escreve cartas ocasionais, junto com a solicitude e interesse pelas questões familiares, não perde ocasião de auspicar os bens espirituais, aconselhar e encorajar. E vale a pena observar também que a verdadeira amizade espiritual se preocupa com a correção fraterna. O modo com que se exprime é sempre delicado, humilde e amável.<sup>46</sup> Talvez, por isso, ele não se desencoraje diante das pequenas infidelidades no progresso espiritual. A amizade espiritual crê na pessoa e valoriza até mesmo os pequenos esforços e progressos. É sempre um amor que confia no outro.

Muito sinteticamente, poderíamos resumir o sentido da amizade espiritual com estas palavras que o Bispo de Genebra escreve à sua grande filha, Joana Francisca de Chantal:

“Sei que tendes total e plena confiança no meu afeto. Crede-me, deveis saber que tenho a mais viva e extraordinária vontade de ajudar a vossa alma com

<sup>45</sup> Serm. 43, 20, in IVD III, 19.

<sup>46</sup> Cf. Carta MCCCXCVI à abadessa de Puits-d’Orbe, in *OE A XVIII*, 162; Carta DCXX à senhora De la Fléchère, in *OE A XIV* 347; Carta CCLXXVII à presidente Brûlart, in *OE A XIII*, 20.

todas as minhas forças. Não saberia explicar-vos nem a qualidade nem a grandeza deste meu interesse de ajudar-vos espiritualmente: dir-vos-ei apenas que creio ser coisa de Deus e que, portanto, o conservarei com afeto e que o vejo crescer e aumentar notavelmente a cada dia... Sou todo vosso... Deus me entregou a vós; conservai-me n'Ele como vosso".<sup>47</sup>

Como na amizade espiritual entre S. Basílio e S. Gregório Nazianzeno, na direção espiritual de Francisco de Sales e Joana Francisca de Chantal a amizade alcançou tal profundidade e qualidade que o Doutor do Amor escreveu insistentemente que foi o mesmo amor divino a unir e reunir os seus corações. Trata-se de uma amizade de ordem sobrenatural:

“Nosso Senhor – escreve o Bispo de Genebra a madre Chantal – nunca infunde em vosso coração inspirações veementes de pureza e de perfeição sem dar a mim a mesma vontade, para fazer-nos conhecer que basta a inspiração de uma mesma coisa a um mesmo coração e que, graças à unidade da inspiração, sabemos que esta soberana Providência quer que sejamos uma só alma, para continuar uma única obra e para a pureza da nossa perfeição”.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Carta CCXXIII à senhora de Chantal, in *OEA* XII, 284-285.

<sup>48</sup> Carta DCCXIII a madre Chantal, in *OEA* XV, 102.